

Archer propõe uma saída

"Precisamos escapar da armadilha em que estamos metidos, que faz o Brasil ter na hidrelétrica sua única fonte de energia. Precisamos acoplar a energia nuclear às usinas hidrelétricas. Acho que chegou a hora de usarmos nosso potencial nuclear". As declarações do ex-ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, ao concluir o relato histórico da luta parlamentar na conquista da autonomia nuclear brasileira, sensibilizou ontem os membros da Comissão Mista do Orçamento e técnicos do setor, presentes ao debate promovido pela Comissão que o aplaudiram de pé.

Na presença do ministro da Marinha, Henrique Sabóia, o ex-parlamentar, que em 1956 denunciava no Congresso a interferência internacional para impedir os avanços brasileiros na área nuclear, revelou que "sempre acompanhamos a energia nuclear, passo a passo". Ressaltou o trabalho realizado neste setor pelo almirante Alvaro Alberto, que em 1935, três anos depois das potencialidades do núcleo atômico terem sido descobertas, reproduzia a mesma experiência no Brasil. As informações de Archer devem servir de "inspiração" nas decisões a serem tomadas pela Comissão sobre as previsões orçamentárias para o setor energético, como sugeriu o vice-presidente, deputado César Maia (PDT/RJ). O relator-geral, senador Almir Gabriel (PMDB/PA), manifestou a esperança de que "o patriotismo que inspirou Archer inspire também o trabalho da Comissão".

Tecnicamente, o debate sobre a política nuclear brasileira não chegou a "tirar da escuridão" as atividades do setor, como esperava o presidente da Comissão, deputado Cid Carvalho. Os apelos políticos à autonomia nacional,

no entanto, buscaram mostrar que apesar dos obstáculos internacionais ao desenvolvimento nuclear no País, o programa paralelo de enriquecimento de urânio e a de criação de um reator nacional, desenvolvido pelo Ministério da Marinha e pela Comissão Nacional de Energia Nuclear, em Aramar, justificam o lobby pelo fortalecimento de verbas ao setor. Ao mesmo tempo, como garantiu o presidente da CNEN, Rex Nazaré, ao senador Itamar Franco que o interpelou sobre o acordo nuclear Brasil-Alemanha, o Brasil busca recuperar o fracasso do projeto, trabalhando para aproveitar o potencial tecnológico deixado por este programa.

O projeto orçamentário reserva Cz\$ 25 bilhões, na rubrica do Conselho de Segurança Nacional, para "apoio a projetos em ciência e tecnologia" e para "promover pesquisas avançadas de interesses da segurança nacional". Esta verba se destina ao projeto experimental de Aramar. Há ainda outros Cz\$ 40 bilhões previstos para o setor, incluindo a extinta Nuclebrás. Rex Nazaré explicou que apesar da empresa não existir mais, várias indústrias foram geradas a partir do programa nuclear do acordo Brasil-Alemanha. Elas continuam em funcionamento e, na sua interpretação, é fundamental "transformar o investimento de US\$ 300 milhões, do projeto, em coisa rentável".

Nazaré não admitiu em qualquer momento de seu discurso que os recursos previstos para Aramar são insuficientes, mas chegou a lembrar em entrevista posterior que o orçamento de 88 é cerca de cinco vezes maior que o assegurado para o próximo ano. Todos os técnicos se preocuparam em fornecer subsídios à Comissão, por acharem que cabe ao Congresso formular o orçamento.